

Uma Americana em Lisboa: Mary McCarthy “Traduz” Portugal (1954)¹

Mário Cruz
Mestrando/FCSH

Interviewer

Did you write about Europe when you first came here after the war?

McCarthy

Only in that short story, “The Cicerone.” That was in the summer of 1946. We were just about the only tourists because you weren’t allowed to travel unless you had an official reason for it. I got a magazine to give me some sort of *carnet*.

Interviewer

Did the old problem, the American in Europe, interest you as a novelist?

McCarthy

I suppose at that time, at least in that story somewhat, it did. But no, not further. For one thing, I don’t know whether I cease to feel so much like an American or what; New York is, after all, so Europeanized, and so many of one’s friends are European, that the distinction between you as an American and the European blurs. Also Europe has become so much more Americanized. No, I no longer see that Jamesian distinction. I mean, I see it in James, and I could see it even in 1946, but I don’t see it anymore. I don’t feel anymore this antithesis of Young America, Old Europe. I think that’s really gone. For better or worse, I’m not sure. Maybe for worse.

(Sifton, 1962)

1. A elaboração deste artigo resultou do trabalho de investigação desenvolvido no seminário de Estudos de Tradução leccionado pela Prof.^a Doutora Gabriela Cândara Terenas.

Introdução

Quando em de Janeiro de 1954, Mary McCarthy (1912-1989) (Fig.1) chega pelo Tejo à Lisboa “cor-de-rosa e branca” a bordo do M S Vulcania, (Fig.2) vinda provavelmente de Nova Iorque, para passar três meses no idílio (segundo lhe tinham dito) português, traz na bagagem uma recomendação da sua amiga e companheira de militância política, Hannah Arendt, para procurar uma pastelaria específica no Rossio, que nunca encontrará: a Pastelaria Suíça. Começa aqui aquilo que designamos uma interessante tarefa de “tradução” do Portugal de 1954, efectuada por uma norte-americana habituada a Nova Iorque, mas nascida em Seattle perto da fronteira com o Canadá, no extremo ocidental dos Estados Unidos. A escritora Mary Therese McCarthy, na altura com quarenta e dois anos, vem acompanhada pelo seu terceiro e penúltimo marido, Bowden Broadwater, colaborador em *The New Yorker*. Reuel K. Wilson, o único filho da autora, na altura com dezasseis anos, terá ficado em Nova Iorque. Um pouco mais tarde, já em 1956, McCarthy terá visitado Veneza e Florença, partindo de Paris, viagem que inspirou dois dos seus livros: *Venice Observed* e *The Stones of Florence*, ambos publicados nesse ano de 1956, na Harvest Books, editora norte-americana sediada entre Nova Iorque e Filadélfia.

McCarthy passa por Portugal provavelmente por recomendação de Hannah Arendt que, em 1941, vivera três meses e meio em Lisboa com o marido, Heinrich Blücher, a caminho do exílio em Nova Iorque, numa habitação perto de Santa Marta (localização que não terá sido do conhecimento de McCarthy), fugida dos nazis através do Sul de França, mais precisamente através de Port-Bou. Enquanto cá esteve, Hannah Arendt descia frequentemente a Avenida da Liberdade até à Pastelaria Suíça, onde ficava a pôr a escrita em dia, entre cartas e outro tipo de textos. (Nunes, 2013) Mary McCarthy e Hannah Arendt conheceram-se em Nova Iorque, em 1945, numa festa de um editor, de uma forma um pouco atribulada, visto que, após um comentário desastrado de McCarthy acerca de Hitler, Arendt se incompatibilizou com ela. Mais tarde viriam a fazer as pazes,



Fig. 1 Mary McCarthy em 1954

Fig. 2 M S Vulcania

à saída de uma reunião, na plataforma do Metro de Astor Place, em Nova Iorque, quando Arendt diz a McCarthy: “acabemos com este disparate. Afinal nós pensamos da mesma maneira.” (Dean, 2013)

Através de três textos magistrais, uma missiva para Hannah Arendt e mais duas cartas para duas revistas norte-americanas, *The New Yorker* e a *Harper's Magazine*, escritas a partir de Lisboa, em 1954, McCarthy, descreve o Portugal da época, em traços largos. A carta central foi publicada em *The New Yorker*, em 5 de Fevereiro de 1955 (fora-lhe encomendada logo no primeiro dia da sua estada em Portugal), sendo as outras duas complementares. A carta para Hannah Arendt é um resumo e uma antecipação do que sairá em *The New Yorker*, sob a forma de uma carta pessoal com detalhes que interessarão a Arendt, ou que McCarthy assim o pensou. O texto publicado na *Harper's Magazine* é um desenvolvimento da carta para *The New Yorker*, focando-se num aspecto muito específico: o programa de Habitação Económica de Salazar.

1. As Primeiras Questões

A questão que desde logo se levanta é qual a razão para escrever acerca das cartas de Mary McCarthy sobre Portugal. Primeiramente, todos os fenómenos humanos, em geral, e não só, são susceptíveis de estudo e, dependendo do modo como essa análise seja efectuada, os resultados poderão ser mais ou menos produtivos e/ou operativos. Partindo desta premissa, surge, como questão seguinte, a escolha da metodologia para tal estudo. Pareceu-nos mais interessante uma abordagem descritiva inicial, mas que mais adiante abandonaremos não só por ser redutora, mas também pela necessidade de optar por uma outra metodologia, mais operativa, mais próxima das abordagens científicas (em princípio mais objectivas) e que, por isso, com maior propriedade, pudesse gerar, por um lado, generalizações e outros desenvolvimentos no âmbito da investigação, e, por outro, permitisse algumas aplicações práticas.

Daqui decorre uma pléiade de outras questões que procuraremos explicitar: para que serve aquilo a que poderemos chamar uma visão do Outro? E o que fazer com essa perspectiva? Servirá para percebermos os processos por detrás da construção de uma imagem? Sendo a visão do Outro sempre uma tradução intersemiótica (Jakobson *apud* Venuti, 2000: 114) como se processa essa “leitura”? A que distorções/manipulações está sujeita? Com que fins são efectuadas? Até que ponto a ideologia e a educação de quem faz essa “leitura” “corrompe” a objectividade dessa visão? Como expôs Mary McCarthy, a sua visão sobre o nosso país? Também de forma descritiva? Foi selectiva e criteriosa relativamente aos factos relatados? Isto é, podemos afirmar que o retrato traçado contém algum interesse do ponto de vista de quem quer perceber o Portugal de 1954?

Outras questões, talvez mais particulares, surgem de seguida: sendo a “leitura” de Portugal por Mary McCarthy feita quase sempre em comparação com a América do Norte, até que ponto estas duas realidades contrastam e se assemelham na sua organização social, política, económica e em relação aos aspectos culturais? Houve ou não dificuldades de compreensão do nosso meio? Se houve, como foram ultrapassadas? Existiram assunções erradas ou distorcidas de realidades do Portugal coevo, por parte da escritora? Quais os impactes, se os houve, de eventuais omissões e distorções, na visão da realidade portuguesa ou da americana? Será que houve autocensura relativa à hipotética (não) referência a elementos importantes do Estado Novo? Os textos de McCarthy são mais relevantes para Portugal ou para os Estados Unidos (uma cultura central, para utilizar a terminologia de Even-Zohar)? Isto é, terão permitido aferir a identidade lusa (em relação aos EUA) ou ter-se-ão diluído no meio de tanta produção textual? Por que razão Mary McCarthy, sendo escritora, se foca com tanto detalhe na questão da habitação económica, deixando para segundo plano aspectos culturais e literários? Em que diferem ou se aproximam outras imagens de Portugal vindas de outros indivíduos e de outros países?

2. “Traduzir” o Outro

Na realidade, McCarthy “traduz” aquilo que observa, enquanto visitante extremamente curiosa e inquieta, para a sua mundivisão. E “traduz” na medida em que expõe, através da escrita, o que, através dos sentidos, ficou “gravado” no seu interior. Trata-se inclusive de uma dupla “tradução”, porque “traduz” a realidade para o seu interior e volta a “traduzir” o seu interior para o papel. É nesse interior mental que os processos mais ricos acontecem, um terreno fértil para o que recebe através dos sentidos, mas onde tem de haver espaço e estabilidade mental, algo que, como podemos constatar pelo resultado, existia em Mary McCarthy.

Temos então documentado o modo como uma proeminente escritora norte-americana viu Portugal nos “anos áureos” do regime de Salazar. Essa visão poderá ter origem numa profunda compreensão do que era o país em 1954. Neste caso, poderemos até arriscar dizer que Mary McCarthy, nestes textos, foi uma mediadora entre duas culturas, dois povos distintos, o português e o norte-americano. E, pela citação introdutória ao artigo (a entrevista), podemos perceber que, quando deixou de haver diferença, cessou imediatamente de existir algo para “traduzir”, McCarthy desinteressou-se pela Europa e, como consequência, por Portugal.

“Traduzir o Outro”, como foi feito nestas cartas, é sempre vertiginoso, pois para além de acarretar uma elevada dose de subjetividade, quando esta visão é depois tornada pública, em meios de imprensa ou outros sujeitos a grande difusão, pode ter como resultado grandes distorções no modo como um povo vê outro e, por consequência, implicar falta de verdade, ocasionando conflitos nas relações entre povos. Para que tal não aconteça, para além da intenção de partida, é necessário que quem faz a descrição ou comparação esteja à altura da tarefa. Mary McCarthy, nestas cartas, consegue, a nosso ver, distanciar-se, quer do seu país, quer da realidade que observa, de forma magistral, denotando, no entanto, aqui e ali, como em todas as análises exímias, algumas fragilidades que não importa realçar.

A comparação entre duas culturas, feita por Mary McCarthy, resulta numa longa análise, em que a escritora se torna agente da transformação social, política e cultural no mundo e não apenas em Portugal e nos Estados Unidos, cujo impacte se torna difícil de avaliar. O facto de a eminente intelectual nova-iorquina, do círculo de Hannah Arendt, ter reflectido acerca da realidade portuguesa com tanto pormenor é, por si só, algo extremamente importante para a fraca e distante imagem que o nosso país tinha (tem?) junto da maioria do público leitor norte-americano, mesmo que as três cartas se encontrem diluídas na extensa obra desta escritora ou que esta esteja bastante esquecida e subvalorizada nos EUA, muito por culpa de alguma crítica literária e de alguns autores norte-americanos que sobre ela escreveram ou a ignoraram.

Deste modo, a visão do Outro permite-nos obter indicações acerca da nossa realidade, conferindo-nos, assim, a possibilidade de desencadear as necessárias alterações e ajustes aos nossos próprios paradigmas. Perceber “os processos por detrás da construção da imagem do outro” torna-se, contudo, irrelevante, assim como se afigura supérflua a tentativa de compreensão da “corrupção” dessa visão, porque esta será sempre “corrompida” e fruto de manipulações e distorções. De igual modo, tentar perceber “os processos” inerentes a essa “leitura” é divergir do essencial. Os processos descritivos de compreensão pecam por incluir *faits divers* que nos podem distrair na nossa percepção dos sinais vindo do Outro. Por isso torna-se necessário, antes de mais, saber para onde queremos ir ou, pelo menos, orientarmo-nos nesse sentido e, a partir daí, “seleccionarmos” aquilo que da visão do Outro se nos afigura operativo.

3. Descrever as Cartas

Começemos pela carta mais importante, a que foi publicada em *The New Yorker*, para lhe colher os traços gerais. Durante os três meses que por cá viveu, McCarthy ficou alojada numa pensão perto da Rua do Alecrim, em Lisboa, passou alguns dias na Praia da Rocha,

no Algarve, e dez no Porto. A escritora chegou a Portugal sem nada saber acerca da política do país, parecendo-lhe, à primeira vista, uma estranha mistura de riqueza e pobreza, não sabendo de onde vinha a prosperidade da classe média. Logo quando entra em Lisboa ao olhar para a cidade:

‘What’s that?’ I kept asking, pointing to orange-roofed white buildings, gleaming new, that were spread out on the green hills of Lisbon’s suburbs. ‘Housing project’, the old man invariably answered, simply and proudly. This was the first thing I found out about the Estado Novo; whenever you point to anything, the answer is ‘Housing project.’ (...) Most visitors to Portugal have come here to see something old, but the Portuguese are full of zeal to show you something new. (McCarthy, “Letter from Portugal”. *The New Yorker*, 5 de Fevereiro de 1955)

Na noite do primeiro dia, McCarthy passeia-se pelas ruas de Lisboa onde, através das montras das lojas, constata que a nossa capital mais parece uma “pequena América” como, por exemplo, em relação aos carros: “Everybody, at first glance, appeared to have a new car; it was several days before I realized that what I had been noticing, actually, was that every car was new.” (McCarthy, “Letter from Portugal”. *The New Yorker*, 5 de Fevereiro de 1955) Este aspecto de Lisboa contrasta com a inocência do resto de Portugal, inocência que, após um tempo, se afigura tipicamente portuguesa. Um país que mais parece um assíduo copista, mímico e que pede emprestado. Qualquer cidade portuguesa digna desse nome mais parece “something old, something new, something borrowed, and something blue.” O génio português, segundo McCarthy, encontra-se entre o encantador e o grotesco. Ao segundo dia após a sua chegada nevou em Lisboa e, segundo McCarthy, toda a população saiu à rua para tocar na neve. No dia seguinte encontrou-se com um tal senhor Rodrigues, director do programa de Casa Económicas, que lhe mostrou o Bairro Madre de Deus e à noite terá ido ouvir Fado em Alfama. O olhar de McCarthy

é o de quem militou grupos de esquerda (na *Partisan Review*,² onde escreveu crítica de teatro provavelmente de 1937 a 1962), vinda de uma educação católica que renegou, pois preocupava-se com os mais desfavorecidos, chocando-se e interrogando-se acerca dos consumidores finais dos produtos de luxo, nomeadamente dos importados dos Estados Unidos. Daqui podemos desde já deduzir uma espécie de determinismo: para a análise da realidade, para a “tradução”, transportamos o nosso ADN, a nossa subjectividade, e dificilmente podemos escapar a isso... Mary McCarthy não é excepção. O seu olhar é também cultural, sendo grande a carga de aspectos culturais focados na carta principal. Encontra-se igualmente imbuído por um interesse, de certa forma etnográfico, pelas peculiaridades portuguesas, que (constata a autora observando Lisboa) estavam a ser esbaidadas pela cultura de onde a escritora provinha, a norte-americana. Vê-se que se trata de um olhar americano voltado para o nosso país, sensível a essa realidade e ao modo como a cultura americana, saída vitoriosa da Segunda Guerra, se tinha introduzido em Portugal:

Except for the question of dictatorship, on which they are stiff and sensitive, many of the officials I have met here (and this is a troubling fact) do not differ greatly in their views from many progressive American school superintendents. The functionaries of Salazar talk like practical idealists; they have no patience with ‘sentimentality.’ Salazar’s own rhetoric belongs to an older school: “Although with delays, with possible wanderings from detail which the difficult times explain, we still stride along the same road, with our spirit faithful to the everlasting truth For every arm a hoe, for every family a home, for every mouth its bread.” Yet even

2. *Partisan Review* (PR) foi uma revista quinzenal de pequena circulação com artigos sobre literatura, política e cultura publicada em Nova Iorque. Originalmente lançada pelo Partido Comunista norte-americano, em 1934, suspendeu a publicação em 1936. Quando voltou a ser publicada, em 1937, os seus novos editores e escritores implementaram uma linha política extremamente crítica da União Soviética de Estaline. Nos anos cinquenta, a revista aproximou-se de uma linha social-democrata e anti-comunista, apoiando a política externa norte-americana. Acredita-se que a *Partisan Review* terá sido secretamente subsidiada pela CIA durante os anos cinquenta e sessenta como parte do esforço da agência para moldar a opinião intelectual durante a Guerra Fria. O último número da revista saiu em Abril de 2003.

Salazar, in his most exalted vein, engages in the bureaucratic self-criticism that is characteristic of the modern totalitarian state. He complains that corporativism is slowing down, that the people are relaxing, and urges the pursuit of 'our corporative crusade'; he bewails the 'lack of indoctrination of the Portuguese people.' This self-criticism is prevalent in the ranks of the franker officials all along the line, among whom it wears the mask of tolerance. (McCarthy, "Letter from Portugal". *The New Yorker*, 5 de Fevereiro de 1955)

Logo no primeiro dia, McCarthy constata que o cinema e a rádio já se encontram muito presentes na vida dos lisboetas: "Movie palaces, playing French and American films, disgorged crowds into the tea shops of the Avenida da Liberdade. From the open doors of taverns near the waterfront you could hear the radio playing the fado." (McCarthy, "Letter from Portugal". *The New Yorker*, 5 de Fevereiro de 1955) Depois também o sempre omnipresente Salazar, de quem só pronunciar o nome se deveria fazer com grande reverência, como é a dada altura referido no texto:

In Portugal, Salazar's name, like God's, is usually spoken in a special manner – not exactly fearful, but dutiful, as if the voice were in a Sunday suit. There are dozens of stories about him, illustrating his economical habits, his modesty, his late and lonely vigils, his reluctance to wield power; they all sound apocryphal, like the stories that used to be told about Stalin. Some of them have a sort of gingerly humor – one, for instance, that I heard from a Portuguese chauffeur who drives for some English friends of mine. According to this story, Salazar, while driving in his Packard, encountered a Volkswagen on the road, got out, and asked its driver what it was. "It is the People's Car," said the driver, translating the German name into Portuguese. "And what is that?" he continued, pointing to Salazar's Packard. "That," said Salazar, "is my car," and he got in and drove away. (McCarthy, "Letter from Portugal". *The New Yorker*, 5 de Fevereiro de 1955)

Ou:

how terrible conditions had been in Portugal in 1928, when Antonio de Oliveira Salazar, born a poor peasant, left his post in Economics at the University of Coimbra to serve his country, first as Minister of Finance and then as Premier, saving, always saving, till the national debt was paid; and how he had sacrificed his personal life to the Estado Novo – never married, lived very simply and austere, stayed up late at night, working, always working. (McCarthy, “Letter from Portugal”. *The New Yorker*, 5 de Fevereiro de 1955)

McCarthy, por só estar de passagem e não sofrer na pele a dureza das suas políticas, olha para Salazar com condescendência vendo mais, o copo meio cheio, do que meio vazio:

I had to confess that this was what we Americans had been given to understand — ‘a benevolent dictatorship’, I hurriedly qualified, this being the formula that had been current among the passengers on the *Vulcania* as the ship glided up the Tagus. (...) democracy was not necessarily suited to all countries, we assured each other. (McCarthy, “Letter from Portugal”. *The New Yorker*, 5 de Fevereiro de 1955)

Contudo, a autora interroga-se sobre o destino dos mais pobres, a quem aparentemente as belas Habitações Económicas não estavam destinadas...

Curiosamente, McCarthy não contactou com o meio intelectual e artístico português, em actividade na altura da sua estada, e não se interessou particularmente em reflectir sobre ele nas cartas, preferindo aparentemente discorrer sobre o estilo Manuelino:

Even the Manueline architecture, done in the Age of Discoveries and uniquely Portuguese, with its stone ropes and knots and anchors, seems not so much a true architectural style as an innocent imitation of real life, too literally conceived. (McCarthy, “Letter from Portugal”. *The New Yorker*, 5 de Fevereiro de 1955)

Ou sobre o Barroco português:

It is only in the far north, in the Minho and the 'lost' province of Tras-os-Montes (Beyond the Mountains), that you find a pure architecture – the Portuguese baroque, done in granite and severe white plaster, and decorated with gold – that is not like anything else in the world. (McCarthy, "Letter from Portugal". *The New Yorker*, 5 de Fevereiro de 1955)

Ou até sobre a azulejaria em Portugal, ou referir Queluz ou o Palácio da Pena, entre outros comentários avulsos sobre o modo de fazer arte pelos portugueses e sobre a história artística do país. McCarthy apenas se refere ao meio intelectual português num período a meio do texto:

There is very little artistic life – though not for lack of 'intellectuals', as a man in the government wryly explained to me. Foreign books, chiefly, are read by the avant-garde – Sartre and Camus and Baudelaire and Rimbaud and Tolstoy. (McCarthy, "Letter from Portugal". *The New Yorker*, 5 de Fevereiro de 1955)

Parece-nos óbvio que Mary McCarthy é, antes de tudo, alguém com preocupações sociais e políticas que só depois escreve livros, como aliás o era a maioria dos intelectuais escritores do século XX. Será então assim tão estranho que McCarthy procure, antes de mais, conhecer a realidade social do nosso país em lugar de se preocupar com realidade intelectual? Será por lhe ter sido dito que havia pouca vida artística em Portugal?

Era uma Lisboa ainda com o Metropolitan em construção (este só será inaugurado em 1959), com um enorme e novo Estádio da Luz quase pronto (foi inaugurado em 1 de Dezembro de 1954) e com a Estufa-fria a sofrer obras de alargamento. Uma Lisboa na iminência do IV Grande Prémio de Formula 1 que aconteceu em Monsanto (em 25 de Julho), na auto-estrada (inaugurada em 1944) para o Estádio Nacional (inaugurado em 10 de Junho de 1944), já com um aeroporto internacional na Portela (desde 1940), com voos da TWA

e da KLM, entre outras companhias de aviação norte-americanas, e ainda sem ponte sobre o Tejo. Uma Lisboa grandiosa e pobre, extremamente antinómica do ponto de vista social, com as maiores desigualdades da Europa, segundo McCarthy, cuja população esta escritora assim caracteriza resumidamente, mas de forma magistral:

The visitor's first impression is that the people of Lisbon are extraordinarily well dressed, on the whole; outside the Alfama and some of the poorer working-class sections, practically every man you see, not counting the lottery-ticket sellers and the street-cleaners and the policemen and the laborers repairing the streets, is wearing a business suit, a clean shirt, and a necktie. It is a little time before you get to realize that the suit on the man next to you in the streetcar is terribly frayed and patched and mended, the surface of the shoes worn and cracked, the briefcase ragged and made of simulated leather, and the hand holding it seamed and cracked, too, like red leatherette. The laundry garlanding the streets is so fetching at first glance that you do not notice that many of the articles hung out are, literally, shreds and tatters of garments – scarecrow shirts and underwear. And there is something about Lisbon, not only the government's enterprise but the pride and politeness of the people, that makes you, politely, not want to notice. (McCarthy, "Letter from Portugal". *The New Yorker*, 5 de Fevereiro de 1955)

A autora preocupa-se, além disso, em perceber a organização social e política do regime, apresentando a versão oficial e a dos opositores, sem tomar partido. No entanto, parece-nos demasiado condescendente e elogiosa para com o estado de coisas, sem com isso deixar de reparar nas profundas chagas sociais da época e de observar as contradições da versão oficial. Mas assim não são os norte-americanos com todas as ditaduras de direita, chegando sectores mais conservadores dos EUA a promover e a proteger esse tipo regimes? Para acabar, ainda na segunda carta, Mary McCarthy constata que Lisboa se encontra repleta de cães, um dos charmes e das absurdidades de Lisboa, porque os portugueses amam os animais. Considera, ainda, que os portugueses são famosos pelo seu asseio, pois todos os dias são dias de limpeza:

'You can eat off their floors', the foreigners say, and this is very nearly true. But I have been in Portuguese restaurants where I would rather eat off the floor than off the plate before me. The Portuguese are very erratic and confound generalization. (McCarthy, "Letter from Portugal". *The New Yorker*, 5 de Fevereiro de 1955)

Na sua terceira carta, publicada na *Harper's Magazine*, em Agosto de 1955, McCarthy descreve a visita ao Bairro Económico da Madre de Deus. No decurso da visita às habitações económicas, a escritora procura compreender onde, afinal, são alojados todos aqueles pobres que viu quando passeou por Lisboa:

A sort of tact prevented me from asking the indelicate question pulsing through my mind: "Are there any poor people in these houses?" There was no shortage of poor people, certainly, in Portugal; their absence, in fact, from this district was its most remarkable feature. I missed the familiar signs of poverty, both ugly and picturesque: the tattered laundry on the clotheslines, the birds in their cages, the orange horse meat in the stalls, the beggars and ragged children, the women in shawls and shapeless sweaters, the men in thin suits, like paper, the flower sellers, the reek of wine from the taverns, the mongrel dogs, the smell of codfish, the baskets of eels and fresh bread. But I dared not intimate this to Mr. Rodriguez, whose round face wore a troubled, anxious expression, as if he were conscious suddenly of a lack in his Creation, like God, when he made Eden, and forgot to put in woman. (McCarthy, "Mister Rodriguez of Lisbon". *Harper's Magazine*, Agosto de 1955)

Além disso, vai registando comparações com o país de onde vem. Parece-nos que lhe interessa retirar lições para aplicar à realidade, antes de mais, do seu país e depois da sociedade em que vive, fazer sínteses, retirar conclusões que tenham aplicação prática para melhorar o mundo:

Yes, he (*o senhor Rodrigues*) said proudly: Portugal had social workers as well as super-highways, social security, adult education, housing projects, rent controls, price controls, modern psychiatry, football, workers' vacation plans, and a reformed school curriculum based on citizenship and vocational training, rather than on book learning. "Just like America." I nodded, wanly. It was not the first time the resemblance had been called to my attention. Portugal, though a small, poor country, as her officials assured me, had nearly everything America had, plus social discipline. (McCarthy, "Mister Rodriguez of Lisbon". *Harper's Magazine*, Agosto de 1955)

Ou

He was still active in his teachers' syndicate, though housing kept him very busy and he had other obligations, as husband, citizen, father, and faithful son of the Church. Meetings, always meetings, he said happily. "Just like America." He had felt very much at home in America, he confided, and in his office he used American methods, treating his subordinates democratically and working harder than any of them, to show what he expected. (McCarthy, "Mister Rodriguez of Lisbon". *Harper's Magazine*, Agosto de 1955)

Um pormenor fixa ainda a atenção de McCarthy: o modo como o seu motorista é tratado, as condições de trabalho, preocupando-se, a escritora, com o seu extenso e rígido horário de trabalho: "It was nearly eight o'clock, and I was worried about the driver, waiting all this time outside. Even if it was a dictatorship, there were, I felt, limits." (McCarthy, "Mister Rodriguez of Lisbon". *Harper's Magazine*, Agosto de 1955)

A primeira carta (outras haverá, segundo a promessa de McCarthy no final desta), de 2 de Janeiro de 1954, dirigida a Hannah Arendt e depois publicada em *The American Reader*, em 21 de Janeiro do mesmo ano, é uma carta mais pessoal que, de algum modo, como já atrás se disse, serve de introdução à extensa carta de *The New Yorker*. Nesta, McCarthy escreve acerca da imagem dos norte-americanos em Portugal, generalizando a partir da sua

experiência na Pensão Bela Vista:

And Americans, to these people, are like some primitive deity, a cluster of unforeseeable and mysterious Wants that have to be gratified and if possible anticipated. They have some of the strangest ideas of what we might be likely to want, timid, hopeful ideas, like offerings. At present, we have a gas-heater in our room, but the boy keeps coming up with an electric heater too, though it's the only one in the house and we don't need it in the least. (McCarthy, "21 January (1954): Mary McCarthy to Hannah Arendt". *The American Reader*, [s.d])

Menciona o fenómeno da americanização de Portugal ou de pelo menos do Portugal urbano, referindo que a classe média parece americana e apenas a aristocracia e os pobres parecem portugueses. Considera, depois, que os projectos de Habitação Social e Económica, no Portugal da época, são melhores do que nos EUA:

To me, the most striking thing here is the phenomenon of Americanization. American business interests, Ford, Buick, International Telephone, TWA, are very active; there are thousands of new cars on the streets and in the shop windows radios, frigidaires, pressure cookers, baby bath nets, many of American make. The strangest thing to see along the Rua Garrett – the principal shopping street – boxes of Ritz crackers enshrined in red velvet, a whole window devoted to them; and another window to Tootsie Rolls. (...) And everywhere, in the suburbs, and even in the city itself, Housing Projects are springing up. I must say, they do them better than we do. (...) all the middling-class younger people, in fact, look very American, as if they'd modeled their gestures and expressions on the movies – it's only the aristocracy and the poor who look what I would call Portuguese. (I find this very different from Italy or France.) (McCarthy, "21 January (1954): Mary McCarthy to Hannah Arendt". *The American Reader*, [s.d])

Por um lado, os produtos feitos nas fábricas são de qualidade inferior e, por outro, parece não haver artesanato. McCarthy espantava-se perante a pobreza que se esconde por detrás de tanto progresso aparente: “On the back streets and in the Alfama, there is plenty of medieval poverty, like Africa, as you say, or like the most graphic pages of ‘Les Misérables’ or the ‘Hunchback of Notre Dame’.” (McCarthy, “21 January (1954): Mary McCarthy to Hannah Arendt”. *The American Reader*, [s/d]) Observando o passo seguinte da segunda carta, percebemos melhor Alfama vista por McCarthy:

I wondered myself, I must confess, the Sunday morning [3 de Janeiro de 1954] we picked our way through the Alfama after Mass at the cathedral. I was afraid, and at the same time repelled by the vivid poverty. But everybody assured me that the people in the Alfama were a special breed, that they liked their way of life and would not live respectably if you made them. In fact, the government had considered cleaning up the district in the course of a slum-clearance program and had been compelled to desist, hastily, by the outcry of the populace. In the Estado Novo there is a whole repertory of such tales – of slum dwellers who refuse to be moved from their hovels, of men who refuse to work. “Is there unemployment?” I asked the propaganda man. There was seasonal unemployment in agriculture, he said, but no real unemployment – any man who wanted to could get work. “But what about the people in the Alfama?” I inquired. He shrugged and replied, “They don’t want. A few work; others don’t want.” (...) “Still,” I murmured, when the propaganda man had finished, “many of the people look very poor.” “Oh, Alfama!” he said genially, and started to explain again that the Alfama was an institution. (McCarthy, “Letter from Portugal”. *The New Yorker*, 5 de Fevereiro de 1955)

Conclusão

Retomando algumas das questões levantadas na parte inicial deste texto, a visão de Mary McCarthy acerca do Portugal (e Lisboa em particular) de 1954, foi exposta de forma descritiva e ligeira, plena de detalhes pitorescos, e contendo muitos elementos que, pela sua autenticidade, nos poderão fazer mudar ou aferir a nossa auto-imagem enquanto país, hoje, resultado de um determinado passado histórico. Percebemos ainda que a comparação com a América do Norte se revelou produtiva, pois permitiu, em grande medida, perceber o que se passava com a realidade portuguesa da época, a um certo nível, mais urbano. Temos, assim, um princípio de globalização e consequente esbatimento das realidades locais, neste caso a submissão de uma cultura periférica a uma cultura dominante, como de resto tem acontecido ao longo da história da humanidade desde o sucesso do Homo Sapiens sobre o Homem Neandertal. Contudo, para a tomada de consciência da nossa auto-imagem, através do “espelho” do Outro, torna-se de certa forma irrelevante aferir o modo como Mary McCarthy percebeu o Portugal de 54. Se houve dificuldades, distorções, omissões, autocensura, essas não foram detectadas. Embora se perceba uma clara orientação ideológica na análise do nosso país por McCarthy, assim como limitações devido à insuficiente imersão no meio social, político, económico e cultural, três meses é muito pouco tempo, apesar da grande perspicácia da autora. A projecção da nossa imagem nos EUA é valiosa, pois aligeira a pressão a que as culturas periféricas estão naturalmente sujeitas e o nosso sucesso não existe sem que o atenuar dessa pressão nos permita desabrochar enquanto povo. Donde é de valorizar e apreciar todas as iniciativas de autores estrangeiros focadas no nosso país, sobretudo as visões mais positivas. Já seria tempo, portanto, de traduzir e editar as três cartas para português, pois estas constituem hoje um elemento fulcral para a compreensão da nossa história recente. Outras imagens de Portugal haverá oriundas de outros indivíduos e países a que importa dar visibilidade, mas, por agora, caem fora do âmbito deste artigo.

Obras Citadas

- Even-Zohar, Itamar. "The Position of Translated Literature Within the Literary Polysystem." *Translation Across Cultures*. Ed. Gideon Toury. Nova Delhi: Bahri Publications. 1998. 109-117.
- Dean, Michelle. "The Formidable Friendship of Mary McCarthy and Hannah Arendt". *The New Yorker*. 4 de Junho de 2013. <<http://www.newyorker.com/books/page-turner/the-formidable-friendship-of-mary-mccarthy-and-hannah-arendt>>Acedido em 15 de Junho de 2016.
- Herman, Theo. *Translation's Other*. London: University College of London, 1996.
- McCarthy, Mary. "21 January (1954): Mary McCarthy to Hannah Arendt". *The American Reader*. Apud "Between Friends: the Correspondence of Hannah Arendt and Mary McCarthy, 1949-1975". *Hannah Arendt, Carol Brightman and Mary McCarthy*. New York: Harcourt Brace, 1995. <<http://theamericanreader.com/21-january1954-mary-mccarthy-tohannah-arendt/>>. Acedido em 12 de Abril de 2016.
- "Letter from Portugal". *The New Yorker*, 5 de Fevereiro de 1955. Apud <https://archive.org/stream/oncontrar00mcca/oncontrar00mcca_djvu.txt> Acedido em 12 de Abril de 2016.
- "Mister Rodriguez of Lisbon". *Harper's Magazine*, Agosto de 1955. Apud <https://archive.org/stream/oncontrar00mcca/oncontrar00mcca_djvu.txt> Acedido em 12 de Abril de 2016.
- Nunes, Lucília. *Conversamos?!...* 2013. <<https://conversamos.wordpress.com/2013/12/30/hannah-arendt-tres-meses-e-meio-em-lisboa/>> Acedido em 15 de Junho de 2016.
- Sifton, Elisabeth. "Mary McCarthy. Art and Fiction". *The Paris Review*, nº 27. New York: 1962.
- Venuti, Lawrence (ed.). *The Translation Studies Reader*. London/New York: Routledge, 2000. 113.